

Líder da Renamo sobre o processo de paz em Moçambique

'É chegado o momento de Portugal'

Hoje à tarde, o líder da Renamo deve encontrar-se com o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, Durão Barroso, personalidade em quem Afonso Dhlakama aposta forte no sentido de levar Portugal a envolver-se na mediação do processo de paz, cujas negociações foram retomadas em Roma. O dirigente do movimento de resistência vai dizer a Durão Barroso que o povo de Moçambique está esperançado na anuência do Governo português quanto a uma participação activa nas negociações de Roma.

Repetindo um desejo que já foi várias vezes aflorado, Dhlakama afirma agora claramente que a Renamo e outras forças políticas de Moçambique consideram imprescindível o envolvimento directo de Portugal na mediação do processo de paz, "reforçando os esforços da mediação italiana". Na altura em que, em Roma, as duas partes beligerantes discutem a definição de princípios sobre o pluripartidarismo e legislação eleitoral, Dhlakama afirma que "é chegado o momento de Portugal se associar aos esforços de paz", usando a sua experiência

e conhecimento das questões moçambicanas e da realidade do país: "500 anos de presença em Moçambique justificam que Portugal conheça Moçambique como nenhum outro país europeu", disse o dirigente da guerrilha.

Cessar-fogo distante

Fora de causa parece estar a celebração do cessar-fogo nos tempos mais próximos. Quando se pergunta a Dhlakama se acha possível que o povo de Moçambi-

que já possa passar o Natal em Paz, este ano, ele responde que "é muito difícil" que isso aconteça. O fim das hostilidades não vai acontecer sem garantias seguras do estabelecimento de um regime democrático no país. "A Frelimo sentou-se à mesa das negociações por ter perdido a guerra no terreno. A Renamo quer a paz e fará todos os sacrifícios e cedências para a conseguir, mas com garantias".

Apesar das autoridades portuguesas qualificarem a visita do dirigente da guerrilha como privada, à imagem do que

aconteceu com o líder da UNITA, Jonas Savimbi, ele vai manter encontros tanto com o Presidente da República como com o primeiro-ministro. No caso de Cavaco Silva a audiência é concedida na qualidade de presidente do PSD, uma modalidade destinada a evitar qualquer fricção com o Governo de Maputo.

Evidente parece ser a necessidade de Afonso Dhlakama se mostrar ao mundo, em fase chave das negociações de Roma. No seu programa, depois da passagem por Portugal, está a visita à Espanha e à França, além de a sua organização estar a preparar uma visita aos Estados Unidos. Portugal pode ser uma porta interessante para Dhlakama: "é importante que o Governo português, em vésperas de assumir a presidência da CEE, faça sentir aos seus parceiros comunitários e da NATO, especialmente os Estados Unidos, a urgência humana e política de levar a paz e democracia a Moçambique", dizia a o dirigente da Renamo na sua mensagem, ontem, à chegada. Uma mensagem

que retomou a fundamentação dos primeiros anos da resistência: "a Renamo luta, há quinze anos, contra o regime comunista da Frelimo, regime policial de partido único, em tudo semelhante aqueles de que se livramos agora os povos do Leste da Europa". É a forma de responsabilizar o regime de Chissano pela desastrosa situação económica e pela ruptura do processo produtivo do país em todos os sectores. Dhlakama lembra que a Renamo "travou a sua luta a sós e nunca teve oportunidade de escolher os aliados". ■